

UC Berkeley

Lucero

Title

Moacyr Scliar: Os Leopardos de Kafka

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/9vt36635>

Journal

Lucero, 12(3)

ISSN

1098-2892

Author

Bora, Zélia

Publication Date

2001

Copyright Information

Copyright 2001 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed



BOOK REVIEW

**MOACYR SCLiar OS
LEOPARDOS DE KAFKA.**
Companhia das Letras, 2000

Zélia BORA

Moacyr Scliar, escritor e médico brasileiro, natural do Rio Grande do Sul, autor de uma vasta obra traduzida nos Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra, Espanha, Itália, Suécia, Noruega, Japão, Holanda, Argentina, México, Canadá, Israel e outros países. É um dos escritores nacionais com grande repercussão crítica e um dos primeiros escritores -brasileiros a usar sua judeidade como um ponto de partida em sua elaboração ficcional. Entre os temas recorrentes em sua vasta produção, como ressalta Nelson Vieira, em Jewish Voices in Brazilian Literature (1995) ele "emphasizes pluralism and heterogeneity, contrasting sociocultural and political differences with a dynamic gaúcho heritage" [151]. Com relação aos textos anteriores, o romance reutiliza alguns dos elos temáticos desenvolvidos sobretudo em trabalhos anteriores dos anos setenta, especialmente, no que diz respeito às questões políticas como: O exército de um homem só e A festa no castelo. Já em A guerra no Bom Fim, aborda de forma explícita questões políticas do Brasil pós-64.

O livro que nos propomos a resenhar possui como tema principal, o problema da interpretação do texto e suas implicações. De acordo com Marcel Dettine, há uma diferença crucial entre os termos exegese e interpretação. O primeiro é definido como um comentário incessante que uma cultura faz de seu simbolismo,

de suas práticas e de seu repertório cultural como um todo. Os exegetas produzem discursos que não tem outro efeito senão o de ser absorvido pelo próprio comentário. Já a interpretação é o resultado de uma perspectiva de fora que intervém na tradição memorial. Para que uma interpretação se institua, é preciso que se discuta, critique e transgrida a tradição. O intérprete explode uma determinada significação, fazendo emergir o não dito, outros sentidos. Vista para além da tradição judaica, o tema da interpretação é abordado como um eixo organizador do romance e como um método cognitivo universal, que caracteriza o discurso literário como diferença. Para melhor entendimento do tema, destacamos a trajetória do protagonista principal Benjamin Kantarovitch e a função que ele desempenha para estruturação do tema.

Levando-se em consideração uma possível organização dos eventos, o narrador focaliza sua atenção em uma pequena aldeia russa, a beira da revolução de 1917, de onde um jovem chamado Benjamin desloca-se e dirige-se a Praga, para cumprir uma missão secreta delegada por seu amigo comunista Iossí. A partir daí, os espaços miméticos intercalam-se com os não-miméticos girando em torno de um movimento espiralado, até o desenvolvimento do primeiro clímax; quando o personagem perde o endereço do destinatário, de quem receberia uma chave para elucidar o conteúdo da mensagem que ele carregava. Atordoado vai ao encontro de um escritor judeu que ele supõe ser o jovem escritor que entregaria o texto que elucidaria a mensagem. Este escritor segundo o narrador, era Franz Kafka. De suas mãos, Benjamin recebeu um texto intitulado, "Leopardos no Templo". Para ele, a mensagem cifrada, espaços e ações legitimam-se girando em círculos, cada vez mais amplos, correlacionando outros espaços que levam Benjamin de volta a sua aldeia e posteriormente ao seu exílio no Brasil.

O último movimento espiralado entre espaços e ações tem lugar no Brasil e ironicamente o que parecia um fragmento esquecido entre as relíquias de Benjamin - o texto de Kafka - envolve a personagem e o seu sobrinho Jaime em uma intriga que possui vinculações com os tensos acontecimentos ocorridos no Brasil do golpe militar de 1964. Tomamos agora como ponto de partida, a exploração de algumas das chamadas isotopias (termo greimasiano) entendidas, basicamente, como um feixe de traços semânticos que se afirmam por atributos

enunciados pelo narrador. Entretanto, a visão de mundo refletida, pelo narrador é, essencialmente, o mundo de Benjamin e o que este mundo representa para ele. Juntos, herói e narrador, formam duas consciências distintas que se complementam e determinam o relato. Todos estes aspectos estruturais dinamizam o tema central do romance: a interpretação de um texto e seus efeitos. A partir destes pressupostos, Scliar enuncia um tema clássico da hermenêutica judaica e o torna um problema conjectural inerente à universalidade do romance. Ele estabelece, portanto, uma relação intertextual entre duas tradições: a hermenêutica dos textos sagrados e a literária. As duas se encontram pelo que há de mais subjetivo que marca a tradição, ou seja, o século II D.C, a tradição escrita da Torá, é colocada em questão pelo veio popular de sua versão oral. Com o triunfo da segunda, a tradição talmúdica passa a reabsorver a possibilidade de surgimento de inúmeras narrativas, coexistindo, "ao dispor" de sucessivas interpretações impedindo que a narrativa seja concluída, recriando-se a partir de outras na errância infinita da linguagem.

Como pôde-se depreender, o texto literário percorre o mesmo modo da leitura talmúdica, quando próxima a seu sentido transcendente, aberto à infinita criação do texto e com ele a criação do mundo. Onde, pois, encontram-se tais princípios na narrativa em questão?, por que o ato de interpretar aqui se presta a essa travessia?. Esperamos que tais perguntas ajudem a viabilizar parte do percurso e da coerência global do texto, como uma sugestão de leitura para esta fascinante aventura narrativa proposta por Moacyr Scliar.

O título do romance, *Os Leopardos de Kafka* é, certamente, a mais importante estratégia de representação da questão, tecendo, o núcleo das demais isotopias figurativas que de forma redundante organiza o tempo estruturado pela memória do narrador que conta a história de seu tio-avô Benjamin Kantarovitch desde a sua adolescência, numa aldeia entre a Rússia e a Romênia, até a sua emigração para o Brasil. Portanto, é pertinente a afirmação de que a narrativa oscila entre a evocação de um passado distante que estabelece vinculação com um passado mais recente ambos atados por um evento leimotiv - o texto adquirido pelo tio-avô do narrador das mãos do próprio Kafka. Tanto o título, quanto a epígrafe indicam a inexorabilidade do fluir temporal confrontando metaforicamente o passado e a sua permanência como sugere a epígrafe: "Leopardos irrompem no templo e bebem até o fim

o conteúdo dos vasos sacrificiais; isso se repete sempre; finalmente, torna-se previsível e é incorporado ao ritual." A partir das possíveis alusões advindas da epígrafe, o narrador parte instrutivamente para as duas motivações essenciais no romance, sobre as quais o relato "kafkiano"-scliliano será articulado em dois momentos essenciais: a prisão do sobrinho de Benjamin, Jaime Kantarovitch no Brasil, e os fatos vivenciados anteriormente por Benjamin em Praga. Quando confrontados, nota-se que os relatos acima formam um contraste, entre pelo menos, quatro possibilidades de interpretação: a do próprio Kafka sobre a versão do seu texto, a de Benjamin sobre o conteúdo interpretativo do texto de Kafka, a explicação da polícia brasileira sobre o texto de Kafka, e finalmente a versão do próprio leitor. O que há de comum entre cada uma das interpretações é a lacuna deixada pelo que não foi possível ser revelado, e que o enigma da interpretação encerra: a impossibilidade do leitor jamais poder captar "aspectos de seu próprio interior revelados pelo texto" *Reflections* (1986) Esta contundente afirmação feita pelo teórico Walter Benjamin sobre a essência da interpretação, coloca-nos diante de algumas isotopias que desenvolvem-se atualizando constantemente o significado do evento, isto é, o texto de Kafka. Sabemos que a preocupação de Kafka com as possíveis interpretações advindas pelas sucessivas leituras de um texto antecedem as de Walter Benjamin e situam-se nas tradições pós-bíblicas. Tal argumento é, também, para nós um dos aspectos centrais para articulação da trama romanesca e suas implicações, permitindo-nos a seguinte inferência: Se o texto de Scliar, encerra um sentido de intertextualidade entre a preocupação Kafkiana/Benjaminiana com as categorias tradicionais da interpretação, a personagem Benjamin torna-se o ponto chave para um encadeamento linear das diversas isotopias. A heterogeneidade semântica, sobre o problema da interpretação presente nos textos de Kafka, objeto de discussão em Walter Benjamin, torna-se assim tema essencial do presente romance. Se tais isotopias complementam esta possibilidade temática, então a personagem Benjamin Kantarovitch, carrega sobre si várias possibilidades de representação, entre elas, a do próprio leitor enquanto personagem- intérprete diante do mistério que o texto encerra. Enquanto possibilidade paródica, Benjamin representa um exegeta estimulado e um intérprete decidido. Tal representação é sugerida pelo seguinte texto:

Ratinho leu e releu o texto umas dez vezes.

E cada vez que lia, seu desespero aumentava. Para começar, não conseguira entender tudo; seu alemão não dava para tanto. A única coisa que estava clara era o título- "Leopardos no Templo"; clara mas nem porisso enigmática." LK [50].

Finalmente, a paródia de um personagem inteiramente "disposto a convencer o leitor", sobre a autenticidade de seu relato, através dos fatos, minimizando o papel do narrador. Daí coincidirem Kafka e Scliar em, pelo menos um, aspecto ao formularem analogicamente a mesma questão: em que consiste a revelação de um texto? senão numa multiplicidade de sentidos encerrados por um emaranhado de palavras e distintas enunciações. O texto, como uma força, da qual emana o mundo, é um princípio pertinente ao estudo da obra de Kafka, como sugere Robert Alter em AN [104]. Portanto repensar a obra de Moacyr Scliar, a partir de Kafka, é remeter ao problema do significado do texto. A presença de Kafka, enquanto texto, pressupõe um dilema importante no texto de Scliar. Tanto Kafka quanto Scliar colocam em questão o problema da autoridade textual em se firmar como verdade única. A partir daqui, a natureza canônica do texto remete não apenas a um mero diálogo entre os textos da tradição judaica, mas apontam uma característica do texto literário enquanto discurso, ou seja, portando significados ocultos e multifaceados. Enquanto Kafka faz conjeturas sobre a crise da interpretação, Scliar "sorri" através da personagem Benjamin e adverte: todo aquele que se aventura pelos caminhos interpretativos de um texto muitas vezes depara com aventuras surpreendentes e muitas vezes desastrosas. Desta forma, tanto Kafka quanto Scliar selecionam e atualizam uma mesma isotopia como parte da tradição, tornando seus textos sujeitos a sucessivas reinterpretaciones. Enquanto nas parábolas dos textos sagrados uma só isotopia temática é suscetível de ser concretizada, os de Kafka e de Scliar quanto o de Scliar sugerem múltiplas possibilidades de escrita e interpretação, que afloram sob uma variabilidade de signos a serem elucidados. Daí a coerência semântica entre o mecanismo de elaboração utilizado por Kafka e o projeto ficcional de Moacyr Scliar. Ainda de acordo com Robert Alter, a abordagem que Kafka faz dos textos bíblicos, muitas vezes os subvertem criando outros textos como é o caso da versão da Torre de Babel [103]. Ao retomar o texto de Kafka como uma estratégia de organização dentro do enredo, Scliar evoca um mecanismo semelhante a Kafka, tanto pela presença do "texto de Kafka", quanto por alusões a outras fontes primárias. Graças aos

mecanismos citados, a personagem Benjamin pode ser ainda "interpretada" sob outras possibilidades, entre elas a de um jovem judeu politizado leitor de Marx e Engels, e a representação do confronto entre tradição e modernidade. Já a sua faceta cômica, o corporifica como uma parodia deste mesmo leitor -exegeta e do intelectual politizado. Como um herói burlesco, ele personifica um dos heróis das narrativas populares, como um schelemiel, um judeu "malsucedido", um João-ninguém, como se diz em português. Como um schelemiel, torna-se um viajante determinado a chegar ao seu destino. Tal qual um personagem do folclore judaico-alemão, o nosso Benjamin, cumpre o seu objetivo, chegar a seu destino. No Brasil, corporifica-se como uma outra personagem, desta vez mais ou menos próxima aos ratinhos dos contos infantis, e ficando a personagem conhecida pela alcunha de Ratinho, por sua aparência frágil de um rato: "ar assustado, os olhinhos pretos e as orelhas de abano tornavam-no parecido como um camundongo (...), um ratinho melancólico, solitário sempre enfurnado em sua toca" LK [11]. É trágico e cômico ao mesmo tempo. Como uma das personagens de Kafka chamada Abraão, Ratinho vive preso aos aspectos materiais do cotidiano. Porém, contrário ao inseguro Abraão de Kafka, Ratinho acredita na força da palavra escrita como uma revelação e atira-se à tarefa iminente a ser desempenhada em lugar do seu amigo lossi. Tomado por um sonho, ele não questiona a sua narrativa e parte para cumprir seu designio, como se estivesse possuído por uma espécie de um dibbuke, ou espírito das narrativas populares. Desta forma, se entrecruzam os diversos relatos entre o erudito e o popular. Simbolicamente, Ratinho "incorpora" a alma de seu amigo lossi. Ele passa não só a apresentar-se como lossi, mas a agir em nome de suas convicções políticas. Mas ironicamente o nome lossi "incorporado" pela é-lhe auto-convicção que lhe confere autoridade do que pelo designio divino:

-Sim companheiro. Sou comunista e agora tu sabes como um comunista age. Agora tu sabes por que o futuro nos pertence.

*Pensa nisso. Une-te a nós, companheiro.
Nada tens a perder, senão os grilhões
que te prendem ao passado". [28]*

Como se observa os mecanismos de interpretação e re-elaboração textual, ocorrem nos níveis mais sutis da narrativa.

Entretanto, a relação mais plausível entre exegese e narrativa é dada pela harmonia entre os

dois pontos de vista do narrador e do personagem principal. A consciência de ambos funde-se a tal ponto que, dificilmente, o narrador é capaz de produzir um ponto de vista alheio ao do seu personagem. A melhor afirmativa, neste sentido, é a de que o narrador narra desde a perspectiva do personagem, até o desfecho final dos fatos narrados e "interpolados" pelas ações e pensamentos de Benjamin. Scliar leva ao máximo de profundidade esta interpolação de pontos de vista, levando o leitor ao limite do convencimento. Pouco se sabe a respeito do narrador, mas o que se observa é que há um nexó dialógico entre as duas consciências no sentido Bakhtiniano do termo. A todo momento as suas posições se cruzam. Seu herói sabe, pensa e ver tudo o que autor-narrador conhece e supera. A excelência desta técnica narrativa situa-se na manutenção da integridade do personagem como um sujeito, a partir do qual a sua interioridade permanece inconclusa. Como pode-se presumir, o nexó entre as consciências preserva a integridade do personagem como sujeito, embora os conteúdos interpretativos dos fatos inerentes à estrutura textual possam sugerir um número variado de interpretações ao nível intertextual e intratextual. Ao contrário de Kafka, Moacyr Scliar compartilha sistemas, entre eles o sócio-político, mas nada que esteja fora de um mundo onde a tragédia é transcendida pelo tom cômico da narrativa, como uma forma de fazer frente ao sofrimento mental, a angústia, e ao medo. A miséria dos fatos analogamente narrados, como a repressão aos judeus na Rússia czarista, e dos brasileiros, no Brasil pós-64, é minimizada pelo recurso da ironia, e do cômico.

O que seria trágico, torna-se "divertido", ou, no máximo, transforma-se em uma "desventura" transcendida como devem ser as próprias desventuras da condição humana, metaforizadas pela história da vida de Benjamin, em que o instinto de conservação e sobrevivência são preservados pelo menos esteticamente.

Quando finalmente diante na inevitabilidade de uma morte natural em uma clínica geriátrica, Ratinho adormece e o narrador ainda consegue dar prosseguimento a sua vida, pela continuidade narrativa, por não "conseguir" vê-lo morto. O que parece trágico, é superado pelo cômico que "adia" e transcende a morte, pelo riso, nem que seja um riso triste, melancólico, mas nunca a gargalhada desesperada do trágico. Esta é a impressão que nos é transmitida pelo último confronto entre Ratinho, o texto de Kafka, e a interpretação

representada por uma última "aparição" de Ratinho:

Ao avistarem Ratinho, os felinos se detêm.
Encaram-se o homenzinho e as feras. É o momento da verdade. Ratinho deveria fugir; é o que os leopardos esperam, que fuja correndo, que tome um trem, que suma na direção de uma pequena aldeia judaica do sul da Rússia. Mas não é o que o Ratinho faz. Ele simplesmente permanece imóvel, os punhos cerrados. No pasarán, murmura, entredentes. No pasarán. Os leopardos olham-no. Um deles lança um rugido que atoa os ares Mas Ratinho nem pisca. Continua imóvel, os punhos cerrados No pasarán Os leopardos dão meia volta e lentamente somem nas sombras de onde emergiram. Quase sem querer, Ratinho deixa escapar um audível suspiro. Os leopardos se foram. Onde estão os leopardos agora? Não no templo. No templo não. Ratinho pode enfim descansar. Fecha as portas do templo e se vai " [139].

A permanência da vida através do prolongamento do texto, exerce aqui um significado plural, e é encontrada a partir de um modo talmúdico, significando percorrer caminhos transformadores da recriação do texto. Mediante esta perspectiva, Moacyr Scliar atribui um sentido, literário-universal ao termo judeidade. O exercício da judeidade aqui, pressupõe uma característica de todo aquele que "sabe ler", que traduz os sentidos, pela criação de outros, fazendo com que o significado primário do texto permaneça sempre inconcluso, impedindo que a narrativa se feche e a personagem morra pela falta do movimento da vida que só a narratividade é capaz de prover.